

In Memoriam de Nuno Nozelos

Colecção *Tellus*
Câmara Municipal de Vila Real





Câmara Municipal
Presidente
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos
Vereadora da Cultura
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense
Responsável
António Manuel Pires Cabral

Título: *In Memoriam de Nuno Nozelos*

A. M. Pires Cabral (org.)

Na capa: Auto-retrato de Nuno Nozelos

Colecção *Tellus*, n.º 38

Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**

gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt

Esta publicação respeita a opção dos diversos autores em matéria de adopção ou não do Acordo Ortográfico de 1990

Vila Real, 16 de Março de 2018

Tiragem: 300 exemplares

Depósito Legal: 437922/18

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

In Memoriam de Nuno Nozelos



Nuno Nozelos deixou-nos em 18 de Julho de 2017. Era um dos mais ilustres e fecundos escritores da terra trasmontana — poeta, contista, romancista.

À semelhança do que fez com Miguel Torga, João de Araújo Correia e António Cabral, o Grémio Literário Vila-Realense entendeu que devia ajudar a perpetuar a sua memória, solicitando a alguns familiares, amigos mais próximos, a companheiros de escrita e ainda à Câmara Municipal de Mirandela, de cujo concelho Nuno Nozelos era natural, um testemunho sobre o escritor.

Com os textos recolhidos, editou o presente In Memoriam. Ele ajudará sem dúvida a recordar o escritor e o homem bom que foi Nuno Nozelos.

Saudação ao Escritor Nuno Nozelos

Como é tão nobre e difícil a missão de escrever sobre o meu marido, o Escritor Nuno Nozelos!

Namorámos cerca de três anos e o nosso matrimónio realizou-se a 6 de Maio de 1959, no Santuário de Nossa Senhora do Amparo, em Mirandela. Seguiram-se cinquenta e oito anos de vida conjugal de completa compreensão, de ajuda mútua e de amor que intimamente nos uniu e foi criando raízes profundas dia após dia.

Os anos passaram com harmonia, alegria e tranquilidade, porém, os últimos quatro foram difíceis, em consequência das nossas enfermidades.

Na vida real, foi um ser humano dotado de uma actividade criadora, uma das suas grandes qualidades. Era forte na sua vontade, inabalável no seu carácter, firme nas suas resoluções, capaz de se defrontar tenazmente com as tempestades que se levantavam na nossa vida.

Os encantos da vida de casados foram a força e a ternura de ambos e a profunda sensibilidade que o seu coração possuía. Era também um verdadeiro amigo do seu amigo, ajudava todos os seus semelhantes que lhe batiam à porta a pedir auxílio, por problemas de saúde ou de trabalho.

Quanto à sua obra literária, não me compete a mim escrever sobre ela, mas sim aos Escritores do presente e do futuro.

Porém, como o amor está na alma e não morre, o cordão que nos unia nunca se cortará. Estarás sempre no meu pensamento, descobrirás o meu coração e nele encontrarás a ternura e o amor mais puro.

Aqui deixo escrita a minha prece:

Dai-lhe, Senhor, o repouso eterno.
Amen.

A tua,

Celeste Alves Dias Nozelos

In Memoriam de Nuno Nozelos

Escrever sobre Nuno Nozelos, meu irmão, não é fácil. Contudo, vou tecer algumas considerações pessoais, pois o seu legado literário cabe ser apreciado pelos entendidos e críticos na matéria.

O Nuno era o mais velho de seis irmãos, e eu a mais nova, com uma diferença de idade de vinte e dois anos.

Na minha meninice, não tive muito contacto com ele, pois cedo se ausentou para estudar e trabalhar.

Quando nos visitava, para mim ele era o “senhor” e eu a irmãzinha querida, a “menina”. Nessa qualidade fui a portadora das alianças no seu casamento com a Celeste, minha estimada cunhada. Mesmo mais tarde, já casado, quando nos visitava nas férias profissionais, havia ainda uma certa cerimónia, mas tudo era feito para que a estadia do casal fosse de plena satisfação.

Quando completei dezassete anos, acabado o curso da Escola Técnica, vim trabalhar para Lisboa para junto do Nuno, em cuja casa fiquei a residir. Ele e a Celeste, eram para mim os meus segundos pais. O Nuno foi meu tutor, meu chefe e amigo. Sempre que necessitava ele estava lá.

Após a minha independência e na sequência da minha própria vida autónoma, passámos a viver na mesma urbanização, nunca cessando o apoio mútuo.

Meu irmão, desenvolveu uma carreira profissional técnico-administrativa no Ministério da Saúde, tendo passado pelo Hospital de Santa Maria, Direcção-Geral dos Hospitais e Departamento de Recursos Humanos da Saúde.

Por onde passou granjeou sempre a simpatia dos seus colegas e colaboradores, assente na educação, cordialidade, fino trato e competência profissional.

Esmerava-se em tudo o que fazia, sendo a sua escrita caligráfica, um exemplo de perfeccionismo que colocava nas suas actividades.

Tendo-me aposentado, há quase oito anos, pude com inteira

disponibilidade apoiar o meu irmão no grave problema de saúde que lentamente o foi afectando e que lhe retirou todas as suas faculdades.

Já decorreram seis meses mas ainda me parece que ele está presente.

As saudades são muitas, de tantas lembranças boas, do meu querido e “senhor”, irmão Nuno.

Até um dia!

Isabel Nozelos

In Memoriam de Nuno Nozelos

Pedem-me que escreva algumas palavras sobre o escritor Nuno Nozelos, falecido a 18.07.2017. O que escrever sobre o escritor, poeta, pintor e para além de tudo isso, e, mais importante, o meu tio Nuno.

O tio que me levava de férias em criança, que me ajudava com a Língua Portuguesa na adolescência e me ajudou na carreira profissional mais tarde.

Lembro-me de estórias engraçadas das nossas férias que ficarão para sempre na minha memória.

O tio Nuno era uma pessoa com muitos conhecimentos e uma grande cultura, teve uma carreira brilhante na Função Pública, que por ser bastante absorvente lhe limitou o tempo para a escrita e a pintura, de que ele tanto gostava.

Infelizmente, teve de abandonar a pintura, devido aos problemas alérgicos que as tintas lhe provocavam. Porém, ainda realizou algumas exposições e teve a amabilidade de ofertar alguns quadros a familiares.

Assim, pôde dedicar-se somente à escrita, sua grande vocação, quer enquanto escritor, quer enquanto jornalista e conferencista. Publicou várias obras literárias, repartidas pela Ficção e pela Poesia.

Como Poeta, revelou a suavidade e o lirismo de Augusto Gil, questionando como ele, os problemas existenciais que preocupam o Homem.

Relativamente à Ficção, embora cultivando o Romance e a Narrativa, foi no Conto que mais se distinguiu, tendo sido considerado pelo escritor e poeta Fernão de Magalhães Gonçalves “o maior e o mais importante contista pós-torguiano do nosso tempo”.

Mas, se escreveu imensas obras sobre o Nordeste Transmontano, em “Relatos Nebulosos” foi atraído por temas citadinos, que desenvolveu com perfeição e realidade.

Há que realçar que, para além das inúmeras obras publicadas, ele prestou a sua colaboração a vários jornais e revistas, estando antologado

em manuais escolares e tendo sido premiado em concursos literários, e, tendo também, recebido, em vida, várias homenagens.

Foi um dos fundadores e director-adjunto do quinzenário “Notícias de Trás-os-Montes”, surgido em Lisboa em 1969.

Também em 1980, é igualmente um dos fundadores e subdirector da “Revista de Letras e Artes”, onde colaboraram várias figuras de relevo da nossa Cultura.

Por outro lado, a beleza que emanava da sua escrita, tocou profundamente os seus leitores que, sentem e pensam que o escritor possuía “Alma de Poeta”, pelo domínio da sua técnica e do seu talento, deixando-os fascinados ao lerem a sua brilhante “Obra Poética”.

Em suma: estamos em presença de um autor multifacetado e de inegável mérito, que permanecerá, como referência nas gerações futuras.

Obrigada, tio Nuno, por tudo o que me proporcionaste na vida.

Descansa em Paz.

A tua sobrinha

Zézinha

Maria José Dias Matias

In Memoriam

NUNO NOZELOS (1931-2017)

Homenagear um escritor como Nuno Nozelos, é celebrar a literatura, considerada por muitos a arte maior. É pois uma honra juntar-me a este grupo de ilustres convidados para evocar o escritor nascido a 15 de novembro de 1931, na aldeia da Fradizela, concelho de Mirandela, que ficará irremediavelmente ligada à cartografia geográfica dos grandes escritores.

Como leitora e amante dos seus livros, consigo imaginá-lo na sua infância, sentado à beira da lareira atento à voz da mãe, perdidos em narrativas intermináveis, nas longas e duras noites de inverno.

Os dias de feira na cidade, o comboio que partia de Mirandela, a imigração forçada, a valentia dos rapazes, as colheitas, a despedida dos estudantes fazem parte das suas e nossas memórias vertidas no livro de contos, *Gente da Minha Terra*.

Nuno Nozelos amava a sua região, assim como os homens e mulheres, habituados ao trabalho duro do campo. A ruralidade, que fez questão de sublimar nos seus livros, transmite a força telúrica da nossa região, a paisagem agreste e singular, a sabedoria dos anciãos e a força das mulheres, sempre tão presente na sua obra.

Foi um resistente, e através da literatura não desistiu de nós, mas também não foi complacente com os nossos defeitos, foi essencialmente um escritor honesto.

A Câmara Municipal de Mirandela fará tudo para imortalizar o seu nome e obra, quer através de iniciativas já criadas como o *Prémio Literário do Conto Nuno Nozelos*, que anualmente atribui um valor monetário ao autor do melhor conto, inédito e não publicado, quer como em iniciativas futuras, que certamente terão o acolhimento de todos aqueles que amam a literatura.

A Presidente da Câmara Municipal de Mirandela,

Júlia Rodrigues

Nuno Nozelos

Não tive infelizmente muitas oportunidades de estar com Nuno Nozelos em pessoa: três ou quatro vezes, se tanto. Mas espiritualmente estive muitas mais, desde que ele me ofereceu, ainda nos anos 80 do século passado, com generosa dedicatória, a terceira edição do seu livro de contos *Gente da minha terra* (curiosamente, título também de um outro livro de contos trasmontanos, de A. Passos Coelho).

Li-o com sofreguidão — a mesma sofreguidão com que lera em tempos idos os contos de Trindade Coelho e mais recentemente li os de Miguel Torga e João de Araújo Correia —, porque, tal como estes, as histórias contadas punham vividamente diante de mim, como num grande fresco, a terra trasmontana e tudo quanto ela encerra: para abreviar, um povo e a sua identidade cultural. «Um encanto de naturalidade, de *coloquialidade* — como diria um monstro especializado em neologismos [...]», assim definiu *Gente da minha terra*, com algum sardónico humor, João de Araújo Correia, em carta a Nuno Nozelos.

Esses contos, para além da sua excelente qualidade literária, tiveram para mim uma mais-valia importante, na altura em que, depois de um começo um pouco titubeante, começava a ganhar gás a minha recolha de vocabulário de Trás-os-Montes e Alto Douro. Porque Nuno Nozelos, homem nado e criado na ruralidade, não enjeitou o falar do povo ao mudar-se para as capitais. Pelo contrário, põe as pessoas a falar com o mesmo léxico e a mesma sintaxe que ele ouvia em Fradizela. Devo-lhe dezenas de abonações do meu dicionário *Língua charra — Regionalismos de Trás-os-Montes e Alto Douro*.

Nuno Nozelos deixa um vazio na literatura trasmontana, como grande escritor que foi, a quem presto a homenagem simples deste texto. Simples — mas agradecida.

A. M. Pires Cabral

Nuno Nozelos

Dois apontamentos ‘in memoriam’

Um trabalho de apreciação literária terá sempre de manter um equilibrado teor de objectividade, como estudo, mas sem negar espaço à subjectividade da recepção pessoal complementar da emissão, e não apenas da arte mas até da comunicação referencial e jornalística, estatutariamente de terceira pessoa.

Na nossa Região (e sobre TM. e AD.), graças às possibilidades gráficas agora disponíveis, têm-se avolumado as publicações de temática regionalista. Mas – salvo duas ou três bem honrosas excepções (na sombra das figuras grandes dos dois Cabrais, de Vila Real) – quase só aparecem simples contistas e simples poetas, em bicos de pés insistentes e resistentes. Não existirão estatísticas, mas será admissível calcular que os livros de versos e de contos regionalistas mantêm há demasiados anos uma reserva de uns 90% da toda a produção literária trasmontana, a residente e, ainda por cima, a da diáspora.

Ora os regionalismos, de saudosa essência, são por natureza estáticos, museológicos e estão a depositar ainda mais pó nos sótãos do atraso da região.

Sem desprimor, antes pelo contrário, poder-se-á deduzir que os contos (os edénicos) de Trindade Coelho e a poesia (a ingénua) do Junqueiro continuam a levar às ervas do Balsamão e da Batoca intermináveis rebanhos de ‘memés’ imitadores, doirando um ‘statu quo’ senti/mental, que com cosméticas de passado ensombra e confunde os escaparates dos grandes geradores de conhecimento e progresso presentemente sediados não apenas nos contextos da UTAD e da UP, mas até do CCDRN ou do CCMT, que actualizam e transportam para a práxis factual ideias de uma plêiade de trasmontanos estudiosos como o Abade de Baçal, José António Sá, Fernando de Sousa, Rogério Reis, Leite de Vasconcelos ou, até, o Padre Fontes, a quem chamam “bruxo”, mas nunca foi um lírico.

Isto é, falando terra-a-terra e valha o que valha, muitos talentos dissipados no regionalismo sonhador deveriam tentar voos para além dos versinhos soltos ou da historieta, que já mal surpreendem alguém e, editorialmente, a ninguém interessam. Pior: algo paradoxalmente, esta superabundância empata a descoberta de novos valores: como não há critério nem pré-análise, será preciso que passem gerações até que o tempo possa peneirar e fixar a triagem, de entre tanto lixo literário sem legislação abortiva e, muitas vezes, sem naftalina.

Qual o lugar de Nuno Álvares Pereira Nozelos neste quase autismo literário?

Começando pela narrativa, é imediato bom sinal a instituição do ‘Prémio Nozelos’ pela Câmara de Mirandela, que muito lucidamente aprecia e premeia a divulgação das condições de vida e o conhecimento dos falares da Terra abundantemente registados na obra do homenageado.

De facto, embora emparedado na multidão de contistas e poetas, Nuno Nozelos ultrapassa a reinante mediocridade, quer na obra narrativa, quer na poética. Parafraseando o inspirado carimbo do “deixa-se ler”, aplicado a um ‘dos outros’ contistas regionalistas pelo mestre Pires Cabral, Nozelos é supremamente imune a esse dito cabralino.

O narrador Nuno Álvares Pereira nem precisa do ‘atestado’ de Fernão de Magalhães acerca da sua obra. Fernão Magalhães, com um vocabulário muito filosofante, tem acesso a um discurso ornamentado de palavras coloridas como balões vistosos, de que o próprio Torga diz gostar. Mas, pegando já aqui, Torga deixou vários vestígios destas amabilidades a bastante gente, apesar da timidez que lhe gerou a fama de má-catadura; quanto ao fraseado (puxadito...) de Fernão Magalhães, é de duvidar que os franciscanos (muito mais fradescos do que os salesianos de Nozelos) lhe tivessem dado acesso aos milhares de contistas pós-Torga para de entre eles eleger o seu ‘frater maximus’. Deu um sinal oposto à excessiva negatividade dos seus relatos franciscanos “assinalados”, que são de uma verrinice inesperada.

Estando a linguagem popular na base transmissiva desta escrita regionalista, registre-se que uma das inegáveis virtudes de Nozelos é revelar uma apreciável familiaridade com o falar rural de Fradizela (Mirandela), bebida nos primeiros anos na raiz (o tal “alfobre da minha infância e juventude”) ainda por cima em contacto com numerosos irmãos

(e respectivos – muitos – primos). E o seu empenho em a reviver e publicitar nos seus livros é, indiscutivelmente, de louvar e imitar.

Estas qualidades (e outras, inerentes ao próprio discurso literário) são apreciadas pelo mestre dos mestres J. de Araújo Correia, que sabe muito de regionalismos e por Fernando Namora, que nem tanto. Mas o facto de ser retirado seminaristicamente do “alfobre” para os salesianos de Poiares (Régua) e depois para Mogofores e, muito mais longe, para a zona de Lisboa – o Estoril e, ainda, o ISPA – começou a embaciar-lhe um pouco o cordão umbilical da espontaneidade, não deixando amadurecer, ou temperar completamente, essa ferramenta do torrão, à medida que publica a sua obra.

Assim se explica que alguns dos abundantes regionalismos dos diálogos e, sobretudo, das descrições, pareçam “ainda verdosos”, ou enxertados, como suturas de máscara erudita por cima da natural palavra denotativa do ruralismo.

Ora, à escrita é essencial a verosimilhança, para mostrar a verdade das realidades do mundo rural – embora sem lhe beliscar o clássico direito do autor a construir ou recriar, autónoma e respeitosamente, a sua “suprarealidade”.

A expressão regionalista deve merecer o máximo respeito e estudo: a melhor prova de amor às nossas raízes será conhecê-la, encontrá-la, saboreá-la e, também, analisá-la, sem facilitismos; e neste aspecto, Nozelos facilita um bocadinho, embora apenas ao modo de um “aliquando dormitat”.

Como exemplo, e por interesse partilhado, não deixa de ser útil uma abordagem deste pequeno extracto:

“Trabalho duro, o da apanha da azeitona. Almoço no bucho ainda com estrelas, e toca para o monte, para o cabo dos infernos. Ao nascer do sol é preciso começar a faina, que os dias são curtos. Nem dá tempo para trincar uma côdea à vontade. Além da refeição pela madrugada, mais um lambisco para o meio dia e, depois, dentes parados até à noite.”

Ora bem:

“Almoço no bucho” e, ainda, “refeição pela madrugada” são expressões incompatíveis com a afirmação “nem há tempo para trincar uma côdea à vontade”. Como seria viável ter o “almoço no bucho” (portanto engolido, completo ou terminado), antes de sair, à pressa, para pegar ao trabalho tão longe?

E, a respeito de “côdea”, o seu campo semântico não dá muita coerência de fundo a “lambisco”, algo pouco dental.

Retomando a “côdea”, quem de raiz conhece a (antiga) realidade do trabalho rural, retiraria da narração os “dentes parados até à noite”, pois qualquer trabalhador mete (metia) uma côdea (sobretudo de broa) ao bolso e, embora já meio seca, nunca desdenharia ceder à necessidade de roubar dois segundos ao patrão para lhe ir ferrando umas dentadas pela tarde adiante. E também a expressão “dentes parados” não tem cabimento regional e dicutivelmente o terá estilístico.

Mas, bom... o narrador, mesmo sem ficha no neo-realismo, quer chamar a atenção para a classe rural trabalhadora, recorrendo comprometidamente a uma notória hiperbolização, que sublinha, amplia e publicita a realidade. Para ele, trata-se de um acto de solidariedade (humana e cristã) para com os seus conterrâneos (os pais... os irmãos... os vizinhos...), que tiveram de ficar pelas berças, amarrados às circunstâncias de quem não pôde fugir a um destino de terra...

Condensando o assunto do regionalismo, qualquer contador de histórias se afoita, levemente, a transcrever a ruralidade da fala e regionalistas, transportando marcas (por vezes grosseiras e mortais, e não como as citadas, veniais, de Nozelos), só para exibicionismo e, logo, sem autenticidade nem gosto. Os regionalismos são cultura séria e merecedora de estudo científico, linguístico. Senão abastarda-se de artifício ignorante, como acontece com os ‘soutiens’, as ‘mises’ capilares das dançarinas de certo folclore ou os relógios de pulso dos respectivos pares.

Fica de Nozelos uma impressão sintetizada ao máximo devido a limites de espaço; mas em homenagem ao poeta e aos seus conterrâneos e leitores recorde aqui um belíssimo poema, intitulado EU QUERO SÓ PALAVRAS, que musiquei para a Tertúlia Trasmontana, em Lisboa:

EU QUERO SÓ PALAVRAS

L. - Duro Nozêlos
M. - Altino M. Cardoso

1Eu que ro só pa—la—vras, da cor das a—çucenas ao luar, bran—das to me a canção do a—zeite no to a a—fun—dar-se na ta—lha do la—gar. 2Eu
que ro só pa—la—vras, ar—den—tes co mo, c há li to de, f—que—do, em—bra—gan—tes co mo fa—vos de oi—ro, em—bra—gan—tes co mo vi—momes lo. 4Eu
que ro só pa—la—vras, mais pu—ras do que ri—sos de cri—ça pel—ni—tra—das da tei—va das qui—me—ras e co—si—la—go que traz a on—di—min—sa
que ro só pa—la—vras, pol—vil—ha—das da se—va das qui—me—ras e co—si—la—go que traz a on—di—min—sa
que ro só pa—la—vras, ab—er—tas co mo por—ta, es—can—ca—ra—da, su—a—ba—ta—da co mo o sol de um bei—jo, ou sa—be—ras co mo se—ta dis—pa—ra—da. 4Eu que ro só pa
la—vras, pa—la—vras no—da mais! pa—ra di—zer o son—ho que, es—ta tar—de, nos cas—to cas—em—da—ram, ma—lu—qui—nhas, a be—ber...

Eu quero só palavras,
da cor das açucenas ao luar,
brandas como a canção do azeite novo
a afundar-se na talha do lagar.

Eu quero só palavras,
mais puras do que risos de criança,
povilhadas da seiva das quimeras
e do afago que traz a onda mansa.

Eu quero só palavras,
ardentes como o hálito de Agosto,
doces, tão doces como favos de ouro,
embriagantes como vinho mosto.

Eu quero só palavras,
abertas como porta escancarada,
persuasivas como o sol de um beijo,
ousadas como seta disparada.

Eu quero só palavras,
palavras - nada mais! - para dizer
o sonho que, esta tarde, nossas bocas
andaram, maluquinhas, a beber...

Sintra, 20 de Dezembro de 2017

Altino M. Cardoso

Nuno Nozelos, um poeta de *Canto Aberto*

Embora com uma vida cheia de escrita, não conhecíamos grande coisa da obra literária de Nuno Nozelos. Um poema aqui, outro ali. Uma participação além, outra acolá.

A edição de uma Antologia de Autores Transmontanos, pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro de Lisboa, deu-nos a oportunidade de o conhecer melhor. Desde logo porque fomos abordados por Jorge Lage e Jorge Golias, seus concidadãos mirandelenses, para que, embora já doente, “o Nuno participasse na mesma”.

Assim se fez, foram enviados uns poemas do poeta de *Canto Aberto*. Dois meses depois, Nuno Nozelos falecia, mas nessa Antologia foi criada uma secção, *In Memoriam*, onde estão representados o Nuno e mais dois autores transmontanos falecidos recentemente, ladeados por dois durienses do século XIX, com dois textos inéditos.

Nuno Nozelos é um poeta aberto, mas meditativo. De uma religiosidade imensa. Ouçamo-lo numa das suas poesias ainda inédita:

*Conservo, grato, o terço do rosário
que minha Mãe saudosa me ofertou,
ao deixar este mundo e seu calvário,
quando Deus sua presença reclamou.*

Recentemente, no *Jantar de Reis*, organizado pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro de Lisboa, tivemos o grato prazer de conhecer a sua esposa que nos foi apresentada por Flávio Vara, o mordaz escritor de Rio Frio (Vimioso), de quem não sabíamos há anos.

Armando Palavras

Evocação

Chegou ao meu conhecimento através da esposa, amiga que muito prezo, a triste notícia da morte de Nuno Nozelos.

Transmontano de velha cepa, filósofo, pintor, escritor e humanista, interessava-se por tudo o que dizia respeito ao ser humano nas suas múltiplas facetas e vivências do dia a dia.

Pincelando a paisagem da alma ou reescrevendo o labor do quotidiano como quem vê as estrelas no rasto do arado. Nuno Nozelos foi um dos mais expressivos representantes da literatura portuguesa, ultrapassando as características do regionalismo, universalizando-o.

Assim, este singelo testemunho que lhe dedico, complementado pelo poema que a seguir se transcreve, é a homenagem de um homem que tendo feito do Tejo o seu percurso nunca omitiu o rigor das fragas.

Continuaremos Nuno Nozelos esta nossa breve conversa noutra dimensão onde o dia a dia se chama Eternidade.

CONVALESCENÇA

Ao Nuno Nozelos

In Memoriam

Com a perna estendida na almofada
Sem sequer poder pôr o pé no chão
Revejo a minha vida como estrada
Onde por vezes andei em contramão

E se nunca tombei no precipício
Foi porque a mão de Deus me segurou
Ordenou-me poeta como ofício
Que só no verso inteiro é que me dou

Cândido José de Campos

Nuno Nozelos: In Memoriam

Primeiro de oito filhos que deitou a tia Esperança, velha memória um pouco abaixo da minha casa, nessa oficina onde meu Pai, um ano mais velho do que Nuno, aprendeu o ofício de serralheiro, ouvia falar muito dele, mas só o conheci no segundo ano da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1977. Terminava eu o curso, em 1980, incluía ele breve ensaio meu na ‘revista de letras e artes’ *Sillex*, de que era co-fundador. Mostras de generosidade houve até ao fim.

Concluído o curso de Filosofia nos Salesianos (com estudos em Poiares da Régua, Mogofores e Estoril), frequentou, ainda, o Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa, além de cursos de teor jurídico-administrativo relacionados com a carreira de técnico superior principal no Ministério da Saúde, de que se aposentou em 1984. Paralelamente, dispersou-se em colaboração pela Imprensa regional, ou, na capital, dirigindo o suplemento cultural do *Notícias de Trás-os-Montes* (onde, nos anos 60-70, escreviam jornalistas profissionais transmontanos, de Vítor Direito a Afonso Praça), do qual foi director-adjunto. Num futuro arquivo ou biblioteca dos nossos autores, conviria ter cópia desta produção.

Para que a troca amável de favores estivesse equilibrada, seria preciso que eu não me limitasse a inseri-lo no boletim *Amigos de Bragança* ou na ‘antologia de autores transmontanos’ *A Terra de Duas Línguas* (2011). Por isso, como singelo acto de justiça, sempre que trato do conto português, não me esqueço de citar Nuno Nozelos ao lado de Trindade Coelho, Miguel Torga, Domingos Monteiro, Luísa Dacosta, Bento da Cruz, A. M. Pires Cabral, Modesto Navarro, Fernão de Magalhães Gonçalves. João de Araújo Correia, seu interlocutor, não pode faltar, como notou Álvaro Salema em recensão a *Histórias ou Algo Mais* (1985), na revista *Colóquio-Letras* (n.º 89, Janeiro de 1986, p. 81). Essa ficção das raízes tem acrescentados cultores, caso de Monteiro Cardoso, Hélder Rodrigues, Manuel Cardoso e outros.

Poeta, estreia-se com *Iniciação* (1963) e *Retrato* (1964), assinando Nuno Álvares. Em 1987, podou essas árvores, para reeditar, em *Vozes Distantes*, 12 poemas daquele e 18 deste. Nesta trintena, há poemas magníficos. De 1963, aconselho o segundo, “Paradoxo”, e o também soneto “Desejo louco”. De 1964, em que o ‘retrato’ do sujeito está no seu canto de fraternidade, realço “Aquele quarto de aldeia”, enquanto resumo de uma existência, vida em choque permanente. É já de compleição citadina, e suas contradições revolvidas por esse ser solidário, o conjunto de 22 poemas de *Canto Aberto* (1973), reforçado por *A Cidade e Eu, Poeta* (1978). Aqui, se ainda paira lembrança aldeã («...E é isto mais ou menos a cidade / – poulo na minha arada de poeta / onde às vezes, por milagre, / irrompe o caule de um verso.»), surpreendem-nos temáticas raras na lírica nacional, dedicadas ao metropolitano, aos semáforos ou ao “Supermercado”, muito antes d’A *Caverna* de José Saramago, que julgou inventar nos centros comerciais as modernas catedrais e a religião do consumo. Aos 70 anos, encerra *Musa Preterida* (2001) com um hino à Mulher, relação que perpassa no geral dos seus versos, e cujos ângulos, luzes e sombras pediriam um rastreio pormenorizado.

O ficcionista sobrepôs-se ao poeta, na recepção crítica. O diário inaugural de *Ambos, Afinal...* (1973) começa a ser escrito em 1969. A cidade recentra o olhar de quem inventaria pequenas cenas do quotidiano e mostra o interior e exterior das criaturas, em oposições violentas: cisne branco / águas fétidas, pureza / imundície, etc. São 13 narrativas em que vozes – por meio de diário, carta, diálogo, monólogo – se desnudam nos seus sonhos e fracassos, ou vivem vidas alheias, como a intitulada “Um homem estranho”, que é uma obra-prima. São, ainda, de assunto urbano *Histórias ou Algo Mais* (1985), *Relatos Nebulosos* (2003), em que realço o sarcasmo sobre os enganos conjugais, e o romance *Soçobrado* (1992). Se, em *Ambos, Afinal...*, poderíamos eleger os autores preferidos do narrador, neste romance, temos o universo da pintura, figurado na insatisfação do ex-docente da Escola Superior de Belas-Artes e pintor, Luís Sacadura, de origem transmontana. Entre a frieza, fuga ou insulação da esposa Marília e a sedução de uma Sónia que se revelará seropositiva, assistimos às relações promíscuas de finais de 80, em tempo de política com Gorbatchov, ou incêndio do Chiado em 1988, intervalando com um quadro de Mirandela no capítulo X e larga demora em aldeia vizinha.

O regresso à capital é doloroso: morta Sónia, igualmente infectado pela SIDA, Luís suicida-se...

A vertente localista e regional está, antes de *Contos Nordestinos do Natal* (2008), na dúzia de *Ecos de Nordeste* (1999), cujos ecos se diluem pela Linha de Cascais e aforas do Nordeste, mas prolongam, na sua maioria, o já clássico *Gente da Minha Terra* (1967). No prefácio da 3.^a edição (1987) deste, Nozelos diz ter procurado construir «uma tela, embora modesta, que retratasse as gentes nordestinas, relevando essencialmente a sua personalidade, os seus costumes, o seu linguajar e as suas carências. Tela que, como salientei na nota prefacial da segunda edição da obra [1975], se inspirou em motivos colhidos “no alfobre da minha infância e juventude”.»

Só por esse volume pacientemente revisto, eu devera estar presente nas homenagens que a Junta de Freguesia de Torre de Dona Chama e o presidente Fernando Mesquita lhe dedicaram, já em 2014, já em 2 de Julho de 2017, ao darem o seu nome a rua da vila, donde tirou versos assim: «Fora: / A rua estremunhada / pelo chiar da carrada, / que os bois conduzem prà eira. // A bica sob o chorão, / cantando sua canção / prà bilha na cantareira. // Um realejo fadista / que se perde já de vista, / a atravessar a ladeira.» *Gente da Minha Terra* tem alusões que só os naturais conhecem: do Chico da Ferradosa às Estanqueiras, eis o nosso universo recriado, em que os mais velhos acrescentarão um ponto. Se lermos o conto “Amores desafortunados”, ora estamos na feira dos Reis, ou na taberna do Cavalheiro, na Caída ou na ponte dos Vilares, a caminho das olgas. O pedreiro Aniceto, de adolescência perturbada pela nudez de Esmeralda, que persegue entre as poldras e a ribeira – onde a vê banhar-se «courachinha como a mãe a dera ao mundo» –, vai fazer-lhe esperas à saída da missa de domingo, na bica da Mimosa, na encosta do monte do São Brás. Têm um segredo. Mas acontece-lhe uma desgraça em Lamalonga – e nem o doutor Bonfim o salva.

A resistência é uma virtude nossa, que ele deu assim em soneto de *Delações Poéticas* (1996): «Meu semblante revela o ar agreste / do exil torrão em que aportei à vida / – uma lura ignorada do Nordeste, / de que, um dia, parti, de alma dorida. // Trouxe comigo, entanto, o eco dos montes, / a força inabalável dos fragedos, / o espelhar dos rios e das fontes / e da natura-mãe os seus segredos. // Conservo a raça de aldeão nortenho, / sem negar a matriz de que provenho / e o duro caminhar por via recta. //

E, apesar de moldado em barro bruto, / eu ostento um carácter impoluto,
/ que trai minha lhaneza de poeta.»

Incluí-o no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (vol. VI, 2001). Conferenciei sobre ele em tertúlia da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em cujo *Boletim*, de Fevereiro de 2015, dei “Introdução a Nuno Nozelos”, donde respigo. Em 28 de Junho de 2015, a homenagem que a Junta de Freguesia me dedicou foi, de facto, festa de ambos: em vez de falar de si mesmo, ali presente, o texto lido pela sobrinha Celeste só falava de mim. Cálida memória, em que reúno a irmã Isabel Nozelos, que me deu a triste notícia.

Além de ser urgente a edição dos seus livros, falta cumprir promessa do antigo autarca de Mirandela, António Branco, que, na cerimónia de 2015, anunciou o Prémio Nacional do Conto Nuno Nozelos.

Ernesto Rodrigues

Nuno Nozelos, Escritor Egrégio

Costumo passar férias nas minhas berças, prantadas para além e bastante a norte do Marão, já nas vizinhanças de *nuestros hermanos*. Uma vez, numa dessas vilegiaturas e em amena conversa com um meu conterrâneo e compincha dos tempos da escola primária, fez-me ele esta pergunta: ouvi dizer que fulano é escritor, mas é mesmo? O fulano a que se referia era outro cara que também tinha sido nosso condiscípulo nas primeiras letras e que na altura botava umas zurrapas impressas, num jornal semanário da região, orn(e)ando-as com abundantes calinadas ortográficas e gramaticais, ignorando até que o sujeito não se separa, por vírgulas, do predicado. Por estas e por outras é que a pergunta do meu amigo sobre se o dito cujo era ou não era escritor me entalou num embaraçoso dilema: se dissesse que sim, faltava à verdade e violentava a minha consciência; se dissesse que não, desagradava ao meu amigo que ainda era aparentado com o “jornalista”.

Lá me safei como pude e com outra pergunta: quando se fazem obras numa casa, como chamam ao operário encarregue de a pintar? Pintor, respondeu. Então, se quem pinta é pintor, quem escreve... E deixei que fosse ele a completar a frase e a ficar com o ónus da resposta.

Todos os escritores escrevem, mas nem todos os que escrevem são escritores. O verbo escrever deu origem a escritor, seu filho legítimo, e também é pai duma infinidade de filhos bastardos: escrevente, escrevedor, escrevinhador, escriba, escrivão, escriturário e por aí fora. Muitos destes zorros invejam ao escritor o seu estatuto, e alguns até se travestem com o seu nome. Frequentemente a comunicação social dá notícia de falsos médicos, falsos padres, falsos advogados, etc., mas ninguém denuncia os falsos escritores, o gato por lebre, frequente nessa confraria. Se por acaso houvesse uma ASAE das letras, não lhe faltava trabalho!...

Em Trás-os-Montes, no campo literário há do melhor e do piorio. Referi um exemplo do segundo para realçar, por contraste, o perfil de um escritor que o é a sério, para destrinçar o ouro do pechisbeque. Refiro-me

a Nuno Nozelos, a quem, no título deste texto, chamei escritor egrégio. Escritor porque, para o ser, não basta escrever livros, é necessário trazer algum valor acrescentado ao património de uma língua, uma contribuição de cunho pessoal, tão inconfundível como as impressões digitais; em suma, é preciso ter talento, um dom que o Criador não distribui a toda a gente. O escritor, e sobretudo o poeta (do grego *poiein*, produzir, gerar), é de certa forma um émulo de Deus; as suas palavras, como o *fiat* divino, criam o que nomeiam.

Também chamei egrégio a Nuno Nozelos, e não foi por acaso. Esse adjectivo provém duma palavra latina, *grex*, que significa rebanho, e que deu, em português, grei. É precedida do prefixo *e(x)*, a indicar movimento de dentro para fora. Egrégio é, portanto, aquele que sobressai na manada, aquele que se distingue da vulgaridade, o notável.

E neste momento dou comigo a pensar num rebanho de escreventes, que existiu até há poucos anos atrás, um jornal-revista chamado “Poetas & Trovadores”. Editava-se em Guimarães, mas servia de redil a reses oriundas de diferentes paragens, do Minho ao Algarve. As suas páginas vinham atulhadas de produtos constituídos, na sua maioria, por aglomerados de palavras sem ritmo, sem métrica, sem harmonia, cheias de vulgaridades, de platitudes, que só por incluírem aqui ou ali uma rima, se reivindicavam de poesia. Assinei-o durante três anos. A honra do convento e o preço da assinatura só se salvaram nas poucas vezes em que nessa publicação pude ler poemas dignos desse nome, com originalidade, com mestria de fabrico, assinados por Nuno Nozelos. Era a pepita no meio do cascalho.

Além de poeta, Nuno Nozelos era um abalizado prosador e um prosador trasmontano. Chamo-lhe assim não primacialmente por ter nascido em Trás-os-Montes, mas pelos ingredientes que recheiam os seus livros, e que são de marca tão genuína como as alheiras do seu concelho, Mirandela. Um escritor, qualquer que seja a sua terra, não tem necessariamente de escrever sobre ela. Só quando é obrigado pelo coração. Ora Nuno Nozelos amava entranhadamente o seu terrunho trasmontano e as suas gentes; ali regressava com frequência, como ao aconchego materno, como o falcão regressa à sua querência; ali se retemperava, se reprimava. Reparem na melodia repousante destes versos, do livro “*Musa Preterida*”, p. 27:

*E vou dar ao casebre de uma aldeia.
Ali fico e repouso do caminho.
Há batatas e pão, há caldo e vinho,
rachas ao lume e azeite na candeia.*

Esse amor transbordou para a sua obra, em especial para os seus livros de contos. Neles vive o povo do Nordeste, com o seu modo de ser, a sua cultura, as suas condições de vida, os seus interesses, os seus pundonores, as suas manhas e, acima de tudo, com o seu linguajar. Os forasteiros que desejem saber como são as gentes que habitam aquelas paragens, leiam os contos de Nuno Nozelos e não percam “*Gente da Minha Terra*”. E os naturais de lá, que gostem de se mirar ao espelho, leiam-nos também.

Nuno Nozelos era dotado de talentos estéticos não só no campo da literatura. Poucos saberão que também era amante da pintura e que a praticou por um breve período, vendo-se forçado a abdicar dela por impedimento de uma rinite alérgica que se lhe exacerbava com o cheiro e a proximidade das tintas. Por amabilidade de Celeste Nozelos, que foi a sua dedicada companheira ao longo da vida, pude recentemente admirar, na sua casa, alguns quadros por ele pintados. E por essa amostra – *ex digito gigas* – avaliei até onde poderia ter ido nessa arte plástica, se tivesse podido consagrar-se-lhe.

Falta acrescentar que, como é próprio das pessoas de valor e ao contrário do tal caramónico a que me referi no início, o Nuno Nozelos era uma pessoa simples, modesta, de trato afável e avesso a exibicionismos. No rebanho há os que sobressaem pela própria estatura, são os egrégios; e os que forcejam por sobressair em bicos de pés, são os egressos.

Nós, seres humanos, somos ontologicamente falhados, porque nascemos para viver incessantemente à procura do que é impossível conseguir dentro das fronteiras deste mundo: matar a sede de beleza e de amor que nos habita e nos consome. Os poetas e os artistas são porventura aqueles que mais se acercam da fonte, mas, por outro lado, são os que mais excruciantemente experimentam a sua falha.

Meu caro Nuno Nozelos, espero que do outro lado da fronteira que já transpuseste, descanses ressarcido de todas as tuas sedes.

Flávio Vara

As palavras inteiras

Em memória do meu
Amigo Nuno Nozelos

Do tamanho do lugar da memória
perante a geometria das horas raras.

Perguntem ao vento onde andam os reencontros
os melhores sonhos, os fraternos laços
as mãos e os dedos
laboriosos
as prosas e os versos
as coisas simples, o rigor
as palavras inteiras.

Transmitiam teus passos
Nuno Nozelos
a plenitude dos actos.
Eras portador dos percursos
contendo as essências e seus ecos.

Sem os desalentos ou enganos
apesar dos assomos vulgares.
Tudo desde Mirandela até à Sílex
as margens do Rio Tua
os frutos, as águas, as oliveiras
os livros
a gente da tua terra.

Assim
a dignidade da tua voz
sóbria e equivalente aos fulgores.
Tal como as árvores grandes
aquelas árvores que não têm idade.

Entre as expressões levantadas
nas manhãs, nas tardes, nas noites.
Não obstante a noite enorme
buscando sempre os dias novos
redundantes
inesquecíveis.

Henrique Madeira

Poema póstumo para o poeta Nuno Nozelos

O poeta Nuno Nozelos
Anda agora com mestria
A ler a sua poesia
E a contar contos seus
A Deus

Com as palavras enamoradas
E as ideias encantadas
Que em vida lhe mereceu
A pátria em que nasceu

Deveria o Todo-poderoso
Conceder-lhe a faculdade
De o deixar escrever
Desde o seu gozoso céu
A todos a quem amou

Fá-lo-ia por certo
Com a mesma humildade
Reflexo da verdade
De quando morou mais perto
Encantando quem o leu

Ficáramos todos a saber
Que o que por cá escreveu
Teve no céu merecimento

Porém
O poeta Nuno Nozelos
Em melhor entendimento
Não precisa de nos escrever
Do além

Os seus versos mais belos
Florescem no nosso mundo
Neste recital facundo
Nosso Trás-os-Montes natal

Vale de Salgueiro, 9 de novembro de 2017

Henrique Pedro

Descanse em Paz, Nuno Nozelos

Distinto Amigo: teria que ser o grande e sempre atento Transmontano Dr. Jorge Lage, a ser o arauto de quanto nos vai acontecendo por cada dia que passa. Sempre do lado bom das coisas, ainda que algumas nos tragam tristezas como é esta da morte de um dos maiores de nós todos: o Nuno Nozelos. Obrigado por me ter dado a notícia. Esta sua nota necrológica vai já substituir no Dicionário aquela que lá existia. Penso que também com a sua assinatura. Era um excelente amigo do seu Amigo, um homem de poucas, mas acertadas falas, um sociólogo das multidões, um observador de cada instante, um estilista primoroso, um poeta íntegro e um contista de fino porte.

Nuno Nozelos foi um Transmontano genuíno, um Português de fibra e um cidadão inquestionável. Não era polémico, não emprenhava pelos ouvidos, nem era mexeriqueiro como alguns de nós. Para mim que tive um início de vida muito semelhante ao seu, desde a formação filosófica ao respeito pelo funcionalismo público, à exigência do trato social, pelos demais cidadãos que nos batiam à porta, sempre o tive como referência. Solidário com os amigos que, como ele, se dedicavam ao zelo pelos livros, sempre me obsequiou com mais uma obra sua que vinha à luz do dia, com generosa dedicatória, sempre estimulante, motivadora de lutar sempre por mais e melhor. Sempre agradecia uma ou outra referência, ainda que pobre, nas colunas dos jornais, revistas e até em palavras de conforto entre a receção da obra e a publicação crítica que sempre agradecia.

De entre os muitos milhares de títulos que mantenho na Biblioteca que doei à minha Câmara natal e que, quatro anos depois de inventariada e chancelada, o novo inquilino autárquico local se recusou a receber, alegando que os livros não dão votos e que precisa de votos para reconquistar a Câmara, encontram-se todos os seus, autografados e com dedicatórias comoventes. Serei um sortudo entre os autores nacionais, no tocante a livros ofertados, pelo sistema da permuta, da condição de amigo, de autor e de crítico literário. É que em 64 anos de jornalismo militante,

como recensor, como publicista e como amante das letras e artes, consegui reunir um espólio volumoso, diversificado e autenticado pelo punho de quem o produziu. Do mesmo modo o Nuno Nozelos que tinha muitos confrades das letras, em prosa e verso, também recenseava a bibliografia em muitos jornais onde colaborava. E também revistas periódicas, como SILEX de que foi co-autor, diretor e fundador e onde acolheu textos meus, a falar de outras obras de autores do resto do país.

O confrade das letras e das artes Jorge Lage, um pouco mais novo do que Nuno Nozelos e de mim próprio, ocupou-se em promover produtores mais novos (sem esquecer os mais velhos). Herdou essa solidariedade para com aqueles que escrevem (prosa e/ou poesia) e que dificilmente ultrapassam as fronteiras do Rios Douro, Mondego e Tejo. Nós - aqueles que nascemos e vivemos entre Douro e Minho - raramente chegamos aos palcos da fama, rádios, televisões e sítios pomposos onde se fabricam autómatos da palavra, escrita ou palrada, através da qual, após tantas repetições, geram imagem e decoram três ou quatro dúzias de chavões, com que se celebrizam, chegando a vedetas da vigésima quinta hora.

Jorge Lage fez-me chegar tão triste notícia. Nuno Nozelos, chegou a vir a Bragança, à apresentação da Academia de Letras, de que foi sócio fundador. Ai o abracei pela última vez. Ai conheci, a seu lado, sua dedicada Mulher, Maria Celeste, uma distinta técnica de Saúde que nunca o abandonou, ao longo de tão longa e martirizante doença. A Junta de Freguesia de Torre de D. Chama e a Câmara de Mirandela, há cerca de três ou quatro anos, prestaram-lhes, a ele e ao confrade e conterrâneo, Ernesto Rodrigues - justa e oportuna homenagem. Volvidos cerca de quatro anos, talvez as duas comunidades autárquicas, devam reforçar essas homenagens. As duas por razões diferentes: o Nuno porque nos deixou, para sempre, legando à cultura Portuguesa e, especialmente, à sua terra e aos Mirandelenses, uma obra forte, coesa, variada e duradoura. Não mais merece esquecer-se, validando a sua escrita e o seu pensamento doutrinário.

O Ernesto Rodrigues, mais novo e mais extrovertido, no espaço e no tempo, tornou-se um artesão da palavra vernácula, rica e expressiva, como só ele e poucos mais, souberam escolher. Quer na prosa, quer na poesia, ER move-se como o peixe na água. E se, na linguística, atingiu a soberania académica, na quantidade não se vislumbra quem lhe faça sombra, na atual geração. Em tão pouco tempo e com vida académica tão

intensiva, produziu obras quase perpétuas como: «*A Casa de Bragança*», e «*Uma Bondade Perfeita*», cuja qualidade lhe foi reconhecida através do Prémio «Pen Clube». Ambos estes Autores Transmontanos, naturais de concelho de Mirandela, merecem ser perpetuados, seja na praça pública, seja num espaço honroso, onde eles e outros que, afanosamente pedalam nas mesmas águas, possam perfilar-se.

Barroso da Fonte

In Memoriam de Nuno Nozelos

Ao deixar aqui algumas simples palavras para o *In Memoriam* do escritor Nuno Nozelos - Nuno Álvares Pereira da Conceição Nozelos – é para mim uma honra, um privilégio. Com elas fica também o meu preito a um Homem que estimava, e com quem aprendi alguma coisa, na vida.

Vi o escritor Nuno Nozelos pela primeira vez na Feira do Livro, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, no ano de 1967. Nessa altura, eu trabalhava e estudava à noite, e ao passar na Feira do Livro deparei-me com o livro “Gente da Minha Terra”. Peguei nele, comecei a ler as primeiras páginas e fiquei encantado. Paguei-o e levei-o comigo. Quando cheguei à pensão, onde estava hospedado, comecei a lê-lo antes do jantar e já não fui jantar, nessa noite li o livro e disse para mim: aqui está a minha aldeia e a minha gente, com os seus usos, costumes e falares!

No dia seguinte, voltei a passar na Feira do Livro e vi o autor, que reconheci pela foto que estava no livro, e dirigi-me a ele e perguntei-lhe: foi o senhor que escreveu o livro “Gente da Minha Terra”? Acabei de o ler, e parecia que estava na minha aldeia... Ele olhou para mim, e disse: sim, fui eu que escrevi o livro, e, então, gostou de o ler! E perguntou-me: então de que aldeia é! Disse-lhe que era de Morais, concelho de Macedo de Cavaleiros, e ele respondeu-me: e eu sou da Fradizela, do concelho de Mirandela, conhece? Não, disse-lhe eu. Só fui uma vez a Mirandela, à Festa da Senhora do Amparo. Despedimo-nos e eu continuei a ver a feira, contente por ter estado a falar com um escritor transmuntano, que tinha escrito o livro mais bonito que já tinha lido, na minha vida.

Passaram-se anos sem voltar a ver o escritor Nuno Nozelos. Nas Livrarias perguntava pelos seus livros, mas as edições eram pequenas e não os encontrava. Só mais tarde, nos anos setenta, quando descia a Avenida das Forças Armadas, é que o encontrei e me dirigi a ele e lhe perguntei se estava lembrado de mim, e se já tinha escrito mais algum livro. Ele olhou para mim, sério como sempre, e disse-me que sim, que se

recordava de me ter visto na Feira do Livro, e que já tinha escrito mais dois livros de poesia. Eu morava no Bairro Santos, perto de onde ele morava, e daí em diante víamo-nos frequentemente, e perguntava-lhe como ia a escrita. Ele, amável, dava-me conta das suas publicações: poesia, contos e um romance...

Depois deixei, novamente, de o ver. Um amigo ofereceu-me a revista UNEARTA, e vi que era ele o Director. Quis assiná-la e ir ao seu encontro mas, entretanto, a revista acabou, e assim perdi a oportunidade de o encontrar.

Essa oportunidade surgiu depois, quando a doutora Manuela Morais, da editora Tartaruga, o convidou para a apresentação de um livro meu, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa. Ocasão, em que também fiquei a conhecer a sua esposa, dona Celeste Alves Dias Nozelos.

A partir daí, passámos a encontrar-nos frequentemente, graças a outro amigo: o Coronel Engenheiro Jorge Sales Golias, um Mirandense, como ele, conhecedor da Obra literária do Nuno Nozelos, e seu amigo. Em homenagem a quem organizou uma das Tertúlias mais importantes e participadas de escritores transmontanos, na CTMAD, em Lisboa, apresentado pelo escritor Prof. Doutor Ernesto Rodrigues.

E foi assim que passei a conhecer um Homem vertical, um Transmontano que não negava as origens, a ter um amigo! Um Escritor de quem nos devemos orgulhar, e o poeta Fernão de Magalhães Gonçalves, falecido em Seul nos anos oitenta, disse: “o escritor Nuno Nozelos é o maior e mais importante contista pós-torguiano”.

Mas quem ler a sua poesia, dirá que ele também foi, e será sempre, um dos melhores poetas transmontanos, do seu tempo. Os seus livros: “Canto Aberto”, 1973; “A cidade e eu poeta”, 1978; ou “Musa preterida”, 2001, aí estão para o provar. Como provam o seu lado romântico, os romances: “Soçobrado”, 1992, e “Relatos Nebulosos”, 2003. Ou os seus contos, onde faz um retrato notável da ruralidade transmontana, principalmente das suas gentes, usos, costumes e falares. Ou, ainda, as suas pinturas de óleo sobre tela, de paisagens e retratos que pintou, e pouco falava delas, embora sejam obras de elevada qualidade.

Numa ocasião, o Nuno Nozelos convidou-me para ir assistir a uma homenagem que a Câmara Municipal de Mirandela lhe prestou, na passagem do seu octogésimo aniversário, e lembro-me de ver o Nuno

Nozelos na mesa de honra, com o Dr. Telmo Verdelho, o Livreiro Nuno Canavez, o Coronel Engenheiro Jorge Sales Golias, e outras figuras ilustres da cidade, com o seu ar muito sério, e visivelmente comovido.

Nessa altura, eu já tinha publicado alguns livros e entre nós passou a haver uma troca de livros e de correspondência. Uma vez enviei-lhe um livro meu e ele quis, à viva força, pagar-me o livro! Quando recusei o pagamento, disse-me que sabia o quão difícil era um escritor vender os livros. Noutra ocasião, escreveu-me uma carta a agradecer um livro, onde dizia: “gostei do seu livro, que tem uma escrita escorreita, e revela um bom conhecimento das gentes que traz a lume, salientando o modo de vida das personagens em foco. Mas apresenta algumas lacunas que o revisor do texto deixou passar, mas estou certo que numa segunda edição vai aparecer liberto dessas mazelas”. Estes são alguns exemplos da sua sinceridade, e amizade. Valores que lhe vieram, também, da sua passagem pelo Seminário Salesiano, quando o frequentou.

Mas quem quiser conhecer bem o escritor Nuno Nozelos, tem, forçosamente, que ler a sua Obra. Como dizia o Miguel Torga, em relação a si: “quem me quiser conhecer, tem de ler os meus livros”. E como é comum dizer-se, onde está um bom Homem, está uma boa Mulher. E foi assim com o escritor e com a sua esposa, Dona Celeste Nozelos, durante cinquenta e oito anos. Uma esposa que durante os quatro anos da sua enfermidade, cuidou do marido com um carinho e amor, inexcusáveis! Como tive ocasião de testemunhar, pessoalmente, algumas vezes.

João de Deus Rodrigues

Recordando Nuno Nozelos

Tarde descobri este conterrâneo ilustre, que em 1967 se iniciou com 23 contos rurais, no seu emblemático livro *Gente da Minha Terra*, logo saudado por alguns críticos: Fernando Namora, que sublinhou o seu “evidente domínio da arte de narrar”; Ápio Garcia, que dele disse: “algo do Nordeste Transmontano está ali, pujante de autenticidade”; João de Araújo Correia, que lhe escreveu: “Li e reli os seus poemas que lograram encantar-me pela forma perfeita de poetar” e Fernão de Magalhães Gonçalves, escritor flaviense, especialista em Miguel Torga, que afirmou ser NN o “maior e o mais importante contista pós-torguiano”.

Encantei-me com esta escrita simples, mas forte na marca das nossas raízes, e comecei a escrever no *Notícias de Mirandela* sobre a sua obra, participando activamente na divulgação da mesma, em Mirandela, em 2010, juntamente com a poetisa Maria Augusta Ribeiro e com o apoio da Câmara e em Lisboa, na CTMAD, em 2011. Nuno Nozelos leu as minhas notas e ouviu as minhas apresentações e escreveu-me agradecendo, ao mesmo tempo que me presenteava com livros seus. Em pouco tempo deu-me toda a sua obra com excepção do livro acima citado, que estava esgotado. Mas obtive-o por fotocópia do exemplar da Biblioteca Sarmiento Pimentel.

Em Mirandela, na intervenção sobre este ilustre autor local, manifestei o meu espanto por quase ninguém o conhecer, nesta altura da sua vida, com 80 anos, e disse que “A. M. Pires Cabral, o grande escritor transmontano, talvez o melhor”, escreveu: “o próprio facto de a obra *Gente da Minha Terra* contar já com 10 edições é significativo de que se trata de um dos mais flagrantes e conseguidos retratos da ruralidade de T.O.M. jamais escritos”. Sublinhei a sua admirável capacidade de, em poucas linhas, construir uma personagem, uma cena, um suspense, mas o que mais me tinha tocado era a sua arte de descrever uma sublime cena de amor ou um momento de forte carga erótica, capacidade raríssima nos autores portugueses e que talvez se devesse ao facto de também ser poeta.

Quando lancei em Lisboa a Tertúlia Transmontana, foi ele a minha escolha para a estreia, convidando o seu amigo e conterrâneo, Prof. Doutor Ernesto Rodrigues para o apresentar.

O Nuno esteve presente e, já algo debilitado, ainda conseguiu ler uma curta mensagem.

Estabeleceu-se entre nós uma amizade que, sendo tardia, nos ligou a ponto de nos cartearmos intensamente de 2010 a 2012. Recebi dele uma dúzia de cartas e é por esta via da epistolografia que irei escrever esta recordatória.

Na primeira carta, de 20-6-2010, agradece-me o envio do livro *Mirandelês*, de que sou co-autor. Tratava-me pelo posto militar ou por engenheiro, mas consegui convencê-lo a tratar-me apenas pelo nome e por amigo. Ia-lhe comentando os livros à medida que mos oferecia e ele ia respondendo, com gratidão, mas sempre dizendo que eu estava a exagerar. Em uma carta de 6-9-2010 dizia: “enviar-lhe-ei ainda, brevemente, um livro de contos citadinos e duas reduzidas colectâneas de poemas. Ficaré assim mais informado sobre a minha modesta produção literária. Tenho de confessar que Mirandela, através da sua autarquia, me tem ignorado, literariamente falando. Apenas fui convidado para fazer uma palestra sobre as origens da então ainda vila, na semana cultural que decorreu em 1983. Mas tendo vindo a lume, em 1992, o meu romance *Soçobrado* usei propor ao autarca a aquisição de alguns exemplares do mesmo para a Biblioteca, o que me foi negado com desculpas desconexas, não obstante o livro haver já sido considerado por um crítico literário da altura como uma das melhores obras literárias desse ano. Ao invés, a Câmara de Vila Real tem-me dispensado várias atenções, sobretudo na pessoa do Dr. A. M. Pires Cabral, Fundador e Director do Grémio Literário e Escritor renomado”. Depois informa-me sobre a colaboração que prestou a A. M. Pires Cabral com dezenas de vocábulos locais para a colectânea que então preparava e que viria a ser o grande Dicionário LÍNGUA CHARRA.

Só guardei cópia de duas das minhas cartas, e uma que data de 16-10-2010 diz o seguinte:

“Estou a responder-lhe com atraso porque estive muito envolvido no lançamento de um livro de História Militar: *Bicentenário do Corpo Telegráfico*, na semana que passou, no Museu Militar. Não exagerei quando lhe falei encomiasticamente dos seus livros. Sou muito sensível

ao mérito dos que me são próximos, sobretudo na área das letras. Por isso grato lhe fico por mais esta sua oferta de dois livros, um de contos e outro de poesia.

Há quem considere o conto a arte mais difícil da literatura. Não só porque tem que agarrar logo o leitor e não mais o largar até ao fim, mas também porque exige grande capacidade de síntese e imaginação criativa. Os seus contos são envolventes e neles mergulho como se eu fosse a personagem principal. E escreve bem, não só quando está no seu ambiente, a província ou a terra, mas também no meio citadino, que não é o seu! Perdoe o meu entusiasmo, mas como lhe disse toca-me particularmente a leitura (boa) de um conterrâneo meu. Reparei que numa badana alguém o considerou o maior contista pós-torguiano. Concorro, com a achega de lhe confessar que depois de se lerem três ou quatro contos do Torga tem que se fazer uma pausa, tal é a sensação de miséria, de desgraça, de drama, que Torga sempre imprimia aos seus escritos. Faltou-lhe algo que ele não considerava: o humor e até a maledicência, tão típicos, afinal, das nossas gentes.

Acabei de ler *O Devorador de Livros*, do maestro António Vitorino de Almeida, um livro de contos prefaciado pelo José Jorge Letria. Este diz algo interessante: cita o escritor guatemalteco Augusto Monterroso (1921-2003), que é considerado um dos maiores contistas mundiais, como tendo dito: «Há três temas: o amor, a morte e as moscas. Eu me ocupo das moscas que são melhores do que os homens, não que as mulheres». Penso que Monterroso com as moscas queria dizer sátira, humor, ou seja, nem só de amor (paixão, traição) e da morte (drama, crime, violência) deve viver um conto. Mas J. J. Letria serve-se deste exemplo para exaltar o livro de contos do maestro. Só que depois, os contos, demasiado longos, se tornam chatos e difíceis de «digerir».

Toda esta conversa, meu amigo, para lhe dizer que gosto do que escreve, prosa e poesia. «Palavras e mais palavras, /sémen de versos e versos, / dos quais deriva um poema.». E também para lhe voltar a dizer que me penalizo de o não ter conhecido antes de lançar o *Mirandelês*, pois faz falta na galeria dos escritores mirandelenses que inscrevi num mapa estatístico. Lá constará numa próxima 2ª edição.

Vai longa a carta e ainda não lhe falei no interesse do presidente da Câmara de Mirandela, Dr. José Silvano, em lançar em Mirandela um livro seu. Comunicou-mo hoje o Dr. Jorge Lage, que me pediu para

lhe transmitir essa intenção. Fico assim aguardando que se pronuncie sobre esta ideia que muito me apraz comunicar-lhe. Junto um texto que publiquei no último *Notícias de Mirandela*. Continuo disponível para um encontro pessoal com o meu amigo.

Nesta altura ainda não nos tínhamos encontrado e foi então que se promoveu a sua apresentação em Mirandela.

Em outra carta, de 28-9-2010, diz que me envia o livro de contos *Relatos Nebulosos* e a colectânea de poemas *Musa Preterida*. E esclarece que o vocabulário de *Relatos* é mais erudito que o doutros trabalhos anteriores e que os contos são próximos da realidade, alguns, e outros de pura imaginação.

A propósito do livro *A Terra de duas Línguas*, de Amadeu Ferreira e Ernesto Rodrigues, que NN me ofereceu, teve um desabafo em carta de 7-8-2011: "...cumpre-me refutar a injustiça de que foi vítima a Senhora Dona Maria Augusta Ribeiro, por ter sido ignorada ... - ela que é uma Poetisa de alto gabarito. Eu fui também preterido, mas só em parte, ao recorrer-se a *Amores Desafortunados*, um conto razoável, quando se podia transcrever, só de *Gente da Minha Terra*, um dos trabalhos seguintes: *A Cruz da Freixeira* e, sobretudo, *Último Recurso* e *Deserção*. Estas duas últimas composições obtiveram o Primeiro Prémio do Conto, respectivamente em Bragança e Vila Real, há anos atrás". Informa-me ainda nesta carta que ia de férias para a Costa da Caparica para a sua costumeira Residencial Capa Rica, e convida-me a aparecer.

Nuno Nozelos é em minha opinião o escritor mais conceituado do concelho de Mirandela, não o mais conhecido, mas o que melhor escreveu sobre a cultura popular da sua terra. O que melhor descreveu a beleza feminina (*A Dama de Azul*) e o acto de amor entre um homem e uma mulher (*Amores Desafortunados*).

Dias antes de morrer, Nuno Nozelos dizia à esposa, Dona Celeste Nozelos, que tal estaria para breve e lembrava que ele era católico. A esposa perguntou-lhe, por graça, se queria sete padres no seu funeral, como foi seu pai. Ele riu e respondeu com um dito de sua avó:

-Nem tanto, senhora Maria!

No seu funeral foi apenas um padre, o padre da aldeia das Arcas, concelho de Macedo de Cavaleiros. No seu túmulo, em livro aberto, de bronze, do escultor Fernando Coelho, estão gravados versos do poema "Auto-retrato", o que me agrada profundamente porque já tinha proposto

algo semelhante em Mirandela e porque já promovi a divulgação deste poema através da Tertúlia Transmontana.

Glória ao Homem e ao contista, poeta e romancista, da aldeia da Fradizela, da freguesia da Torre de Dona Chama, concelho de Mirandela.

Jorge Sales Golias

Momentos e confidências

Os recos fossavam na loja do anexo da casa de cima, onde Esperança Nozelos os acomodava e carinhosamente cevava para a matança em dezembro.

As chouriças e rojões eram a grande perdição do filho mais velho Nuno, que viria de Lisboa passar o Natal e de todos, senão o mais amado, pelo menos o que requeria maior deferência pelo relevo conseguido na capital e que de certo modo se veio a repercutir sobre a família. O orgulho e proa pelos seus avanços literários era comungada por toda a prole dos Nozelos.

Na aldeia, principalmente desde que anos atrás enquanto ainda estudante havia preparado e ensaiado as Endoenças por altura da Páscoa, do melhor que já se viu nas redondezas e que decorridos 70 anos os habitantes ainda comentam com júbilo, o primogénito dos Nozelos passou a ser uma referência muito especial.

As Endoenças desse ano, ficaram famosas pelo empenho e habilidade que o Nuno lhes incutiu sob a atenta supervisão do grande mentor padre Videira Pires, bem como pelas várias peripécias que envolveram todo o evento.

O Nuno, na azáfama dos longos ensaios, começou a tratar os “atores” não pelo seu próprio nome, mas sim pelo nome das personagens que iriam representar.

O papel de cada um era assumido com tal ardor, que os referidos nomes ficaram a ser os nomes porque toda a gente no futuro os passou a conhecer e tratar, sem que qualquer deles alguma vez o houvesse reclamado, muito pelo contrário, cabalmente assumidos com a maior vaidade e orgulho.

O Judas passou a ser Judas, o Pilatos passou a chamar-se de Pilatos, o Barrabás também de Barrabás... e por aí afora! Ainda hoje, muitos dos seus descendentes são conhecidos como a filha de Pilatos, o filho da Maria Madalena e os netos do Cristo...

Houve, no entanto, um episódio que ficou na recordação de toda

a aldeia e de quem ali se deslocou para ver o espetáculo, marcado por um particular ato de coragem, determinação e espírito de sacrifício. É que, no ensaio Geral do dia anterior à grande representação, o “Judas”, ao tentar levantar a cruz onde Cristo havia sido atado, sem qualquer intenção ou culpa deixou-a resvalar, resultando num braço partido do ator principal.

Mas o espetáculo no dia seguinte fez-se da mesma forma...! ficando o coitado do “cristo” e por vontade própria pendurado na cruz cheio de dores durante horas, muito embora já com o braço “arranjado” pelo barbeiro da Vale de Gouvinhas, homem muito jeitoso e procurado na região sempre que aconteciam acidentes de ossos.

Aconteceu então uma representação nunca vista, especialmente pela inigualável expressão de dor do sacrificado...

Por tudo isso, quando o Nuno chegava à torre no seu Fiat 850 Sport acompanhado da sua bela e exuberante esposa, uma senhora loira tipicamente lisboeta que caiu totalmente no goto da família e de toda a aldeia, era notícia que corria célere.

Deste modo e como recomendavam as boas maneiras, sempre que tal acontecia, muita gente se deslocava a casa dos Nozelos para o cumprimentar e dar as boas vindas.

Já na época, o fato e a gravata eram a indumentária indispensável do Nuno fosse verão ou inverno, contrastando com os trajes da maioria da população, exceção feita a seu pai António Nozelos, que para além do referido fato não dispensava também o colete, quanto mais não fosse para exibir o IWatch e uma medalha de prata ganha ainda em jovem numa corrida de bicicletas, ambos presos a grossa corrente de ouro.

O pai do Nuno era uma personagem austera, de enormes proporções e expressão dura, mas lá no fundo..., um verdadeiro doce de homem que aos Domingos, pela hora da saída da missa, distribuía moedas de uma coroa pela garotada recomendando sempre que era para comprarem tremoços.

António Nozelos era um visionário e homem de inteligência rara, havendo-se destacado como empresário de sucesso pela sua audácia e obstinação, muito pouco comuns para a época e em especial no interior da província. A prova provada é que na década de 30, já ele havia registado três patentes de inventos seus, levados a cabo na execução e que fortemente contribuíram para uma excecional estabilidade económica e financeira.

Com o pai, o Nuno aprendeu a pescar com redes no rio, a caçar com espingarda de carregar pela boca e a montar armadilhas para os coelhos, ao mesmo tempo que também não descurava a aprendizagem do forjar o ferro na serralharia da família e outras atividades laborais sempre que as férias o permitiam.

Ensinamentos administrados com particular empenho pelo pai, muito especialmente porque direcionados para o seu filho varão.

Mas, a atenção do pai Nozelos era tanta e tão empenhada, que logo pelo seu nascimento se envolveu numa preocupação enorme, ao ponto de ficar sem dormir durante várias noites.

Que nome memorável haveria de destinar ao filho?

Dada a sua grande paixão pela história de Portugal, em especial pelo papel dos grandes descobridores e estratégias militares, depois de várias e duras reflexões acabou por selecionar três possibilidades: Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral ou Nuno Alvares Pereira...

O eleito, acabou por ser o Santo Condestável e assim Nuno Alvares Pereira da Conceição Nozelos foi entusiasticamente registado numa neveirenta manhã de dezembro no Cartório Notarial de Mirandela.

Mas o sucesso continuou e o Nuno foi evoluindo na escrita cativando provincianos e citadinos com um estilo muito peculiar e cuidadosamente virado para o leitor comum, usando de linguagem rude, mas acessível, tão própria da província que o viu nascer, também nunca esquecendo as vivências e personagens com que lidou em criança.

Bem demonstrativo é este poema nunca publicado, de 1970, encontrado após o seu desaparecimento e com a seguinte dedicatória:

“Dedico, com amizade ao Ti Amadeu este poema, que o evoca.

No seu modesto soto da Fradizela colaborou, gostosamente, na construção de ilusões da pequenada

– caboucos em que assenta o mundo da infância.”

MEU NATAL DE CRIANÇA

Noite de lua apagada,
vento a zurzir como açoite.
Noite opaca, regelada,
mas que luz a dessa noite!

Há boa lenha, sequinha,
para aquecer a lareira
e uma ilusão redondinha
pra doirar a alma inteira.

Na véspera, foi a matança
do porco – feliz defunto,
pois é na casa abastança
de fumeiro e de presunto.

E um odor quente e amigo
traz agradável presença
a fornada de pão de trigo
atulhada na despensa.

E a ceia de consoada?
Bacalhau, fritos de polvo,
filhós doces, rabanadas
e a pinga de vinho novo.

A seguir, a jogatina,
O rapa, o par-ou-pernão.
Boa sina, pior sina,
e momentos de emoção.

E, à boca da meia noite,
lá rompe o tanger do sino.
E quem há que não se afoite
a ir beijar o Menino?

A igreja é fogueira acesa
plas velas do altar-mor.
Toda a gente canta e reza
Ao Divino Redentor.

Os lábios dos pequeninos
Ignoram loas e preces.
Mas seus olhinhos ladinos
uma estrelinha embevece.

O presépio envidraçado...
envidraçado?!... Pudera!
Senão algum mais ousado
de arrancar capaz ele era.

O menino da quentura
que os animais só lhe dão
Dos homens espera agrura
mais o fel da ingratidão.

“Deves ser obediente
e sempre amigo dos pais...”
“Na escola sê diligente...”
- diz a carta... e coisa mais...

E as prendas? Nem falei delas.
A baraça e o pião,
meia dúzia de aguarelas
e um caderno de tostão.

Pai Natal, quanto sofreste
por vires de monte em serra!
Quanta légua percorreste
pra chegar à minha terra!...

Noite de lua apagada,
Vento a zurzir como açoite.
Noite opaca, regelada,
mas como lembro essa noite!

Mais tarde, corria o ano de 1985 e acabara de ser publicado o seu livro – Histórias ou Algo Mais, já Lisboa reconhecia o contista pela sua obra e também pelos seu estilo e hábitos deveras peculiares, tais como os tradicionais passeios pela baixa pombalina, com chapéu de aba curta axadrezado, tipicamente inglês, gabardine ou sobretudo vestidos e o eterno guarda chuva de grandes proporções dependurado no braço.

- Parece mesmo o Sherlock Holmes!

Diria certa vez uma idosa e distinta senhora à socapa, ao vê-lo entrar no elétrico em que seguia viagem com duas amigas

- É escritor... e dizem que apaixonante...

O carão moreno de Nuno enrubesceu, não de vergonha, mas de confessa vaidade e satisfação.

Era o tempo de desfrutar os êxitos e cultivar a carismática imagem que tão espontaneamente o enleou e tornou popular na capital.

Isto era-me contado entre sorrisos, nos intervalos de longas conversas sobre as suas mais recentes publicações e projetos de futuras obras, em que eu era todo ouvidos por paixão, mas também pela recente integração por afinidade na família.

As nossas conversas terminavam indubitavelmente em devaneios sobre o Trás os Montes profundo ou sobre a enigmática Lisboa, sua cidade de encantamento...

Cidade que amava e criticava..., que o prendia, mas não vencia... como tão bem traduz o seu livro - A Cidade e eu Poeta.

“Quadrícula de espaço poluído
Maciça aprisionante arquitetura
Que torna o sonho do homem reduzido”

Mas a forma de se exprimir entre os seus, jovial e divertida, expressava uma graça genuína e contagiante, muitas vezes surpreendendo a plateia com divertidas gargalhadas, qual adolescente travesso, ou narrando episódios caricatos, como este que me confidenciou sobre uma velhinha pequena e mirrada que um dia o interpelou mesmo em frente à Pastelaria Suíça no Rossio:

- onde deixou o senhor hoje o sobretudo?

Olhando esquisito para o braço, ripostou

- o guarda chuva? Está aqui! Apontando para o braço.

- oh homem de Deus, vossemecê só leva o cabo...!

Pois, o dito de tanto passear pela baixa e sem qualquer uso nesse ano, acabou por se despegar, portando o nosso escriba inadvertidamente nesse dia, apenas o cabo do seu inestimável acessório.

Luís Guimarães

Nuno Nozelos

Escritor da Fradizela para o mundo

Foi ali numa Travessa sem nome, que por coincidência é um beco sem saída, que o Nuno Nozelos habitou, desde os sete anos de idade, tendo sido, como o próprio confessou, aquela a casa de que guarda mais fundas recordações. Calhou que esta casa, conforme a visão pessoal do Autor, tivesse “a forma de proa de navio” e esta estivesse voltada para a entrada que é a única saída desse beco. A travessa desemboca num Terreiro onde a meninada da sua infância brincava depois da saída da escola. A aldeia dá pelo nome de Fradizela e a Travessa sem nome é hoje a Travessa à Rua das Amoreiras.

Talvez por esta sucessão de felizes coincidências, certo é que anos mais tarde, já depois da estadia no seminário e da deslocação da família para a Torre de dona Chama, o Nuno Nozelos se fez ao mar da escrita. E em tão boa hora o fez que ato contínuo se reconheceu ter chegado à cena um exímio navegante da palavra. Mas de modo nenhum esse suposto navio deixou para trás as marcas que ficaram do seu torrão natal. Na verdade era através das montanhas que esse navio deslizava.

Tanto assim que as palavras escritas, junto ao mar, eram desenterradas do chão do seu berço, lá nos confins dos montes que se encristavam, numa sucessão ininterrupta de cordilheiras, para lá da mítica serra do Marão que separa um mundo do outro. E no convés, em primeiro plano, as suas personagens prediletas cheiravam a urze e a rosmaninho. Lá se viam a Maria do Amparo e o seu ar senhoril, a Eulália e o seu olhar bonito, o Marino e o Simplício e muitos outros disfarçados atrás de nomes fictícios, que eu tentava identificar pelos sinais, quando pela primeira vez me chegou às mãos o “Gente da minha terra” ofertado ao meu pai. Sabia que, pela primeira vez, lia uma narrativa brilhante de uma grande autenticidade em que a minha gente estava no centro da ficção. Naquele navio viajavam também a Cortinha das Vinhascas (um Éden sertanejo no

dizer do Autor) e da Gricha. Tão forte era a sua ligação à terra natal, que nunca Lisboa conseguiu, nem sequer ao de leve, substituir as velhas pelas novas raízes. Ainda bem para nós que, pela porta grande, pudemos assistir à evolução ficcionada da nossa própria vida.

E eis que uma tarde de Setembro de 2011 surge à porta do edifício onde funcionava a Associação Cultural e Recreativa de Fradizela, algo alquebrado já e com aquele seu ar tímido e afável.

Cumprimentou-me sem afetações como é próprio dos homens simples que apenas se diferenciam dos outros pelo rumo mais aguçado do seu génio, característica que os outros valorizam mais que eles próprios. Ofereceu à Associação exemplares dos seus livros, devidamente autografados, como testemunho da sua ligação à terra em que nasceu. Livros que, para nós naturais da Fradizela, constituem um património inestimável, religiosamente guardado e, pelo menos no que me diz respeito, já que infelizmente não estão muito enraizados os hábitos de leitura, lidos e relidos.

Quis, nessa altura, visitar a casa de que guardava mais vivas recordações onde viveu a partir dos sete anos, e que embora restaurada conservava ainda a sua proa de navio inalterada, a porta de sacada e o marco de correio vermelho. Emocionou-se com o edifício térreo, onde outrora funcionou a forja do seu pai, o Ti António Nozelos.

Depois desse primeiro encontro, numa fase em que aposentado adquiriu uma pequena vivenda na Torre de Dona Chama, a sua segunda terra, outros se seguiram. E a nossa amizade, cresceu espontaneamente alicerçada nas raízes entrelaçadas do mesmo amor à terra e à escrita.

Não saberia, por certo, descrever o homem e o escritor como ele próprio o fez no seu soneto intitulado “PRETENSO AUTO-RETRATO” e inserido na sua obra “Delações Poéticas”:

“Meu semblante revela o ar agreste
do exil torrão em que aportei à vida
- uma lura ignorada do Nordeste,
De que, um dia, parti, de alma dorida.

Trouxe comigo, entanto, o eco dos montes,
A força inabalável dos fraguedos,
O espelhar dos rios e das fontes
E da natura-mãe os seus segredos.

Conservo a raça de aldeão nortenho,
Sem negar a matriz de que provenho
E o duro caminhar por via recta.

E, apesar de moldado em barro bruto,
Eu ostento um carácter impoluto,
Que trai minha lhaneza de poeta.”

Por tudo isto e pelo muito que ficou por dizer hoje, como autarca recente na freguesia a que pertença, vou empenhar-me firmemente para que o Nuno Nozelos tenha na sua terra a homenagem que merece a sua ímpar figura das letras que muito honrou o nosso chão com a enorme humildade do seu génio. Até sempre Nuno Nozelos.

Fradizela, 31 de Janeiro de 2018.

Manuel Maria Figueira

Meu caro amigo Nuno Nozelos

De toda a memória de homem longe da terra, o rosto de Nuno Nozelos vem sempre acalantar o sonho de acreditarmos na humanidade. Falo do seu rosto aberto, do sorriso cada vez mais sofrido mas sempre sincero, sem outra cara que não fosse aquela, de transmontano guardador das raízes e do canto da terra, da generosidade que nos eleva à vontade firme de viver.

Sem frontalidade e transparência, o homem de qualquer origem perde-se nas mil e uma jogadas de sobrevivência anódina ou grotesca, no golpe de enredar e procurar apoios que sirvam o seu jogo, o seu objectivo de trepar por aí acima; hoje nas mil e uma formas de bajular, para conseguir dar mais um passo na ambição tantas vezes tola e evidente, para abrir uma porta difícil, ou, por exemplo, para publicar um livro, para subir na escala em que nomeadamente os intelectuais são tão sensíveis como parvos; amanhã no deixar de telefonar, de procurar a continuação da convivência que parecia sincera e salutar, no voltar as costas por conveniência política ou carreirista - em tudo isso podemos encontrar o contrário desse querido amigo e companheiro, desse grande escritor chamado Nuno Nozelos.

Continuamos a viver longe da terra e do que nos é mais querido, mas encontramos o melhor de nós na leitura dos seus contos, poemas e livros, na igualdade da ética mais elevada na transmissão do que fomos e somos, nas aldeias e nas vilas, nos campos e nos caminhos amados da terra transmontana e duriense.

Fazes-nos falta, Nuno, porque tu foste e és a sinceridade inexcedível e o companheirismo atento e incentivador.

Tinhas preocupações em relação ao futuro da região transmontana e duriense. Ansiavas, como todos ansiamos, o desenvolvimento do nosso interior e de todos interiores abandonados e a morrer. Erguemos tantas vezes as vozes para propor, para criar forças, nas nossas terras e cá de longe, nas diferenças que nos irmanavam e unem, mas as respostas de quem por lá manda eram as que podiam ser, sem decisões nacionais e regionais que nos libertassem a todos de estarmos longe, anos após anos.

Por aqui andamos, tendo sempre a referência notável que tu foste e és, as referências de tantos companheiros que estão lá e resistem, dos que vieram à procura de caminhos que nunca serão como os nossos caminhos e raízes que deixámos mas continuam a ser esteios e referências firmes na nossa perda e envelhecimento.

Continuaremos a ter o teu exemplo de homem claro e elevado, tanto nas terras de onde viemos como nestas, onde moramos e de onde olhamos firmemente a nossa origem, identidade e património cívico, cultural e social.

Eu não te esquecerei. Vejo-te, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa, na última vez em que nos abraçámos, e encaro com confiança o que terá de ser o futuro das nossas terras, das nossas gentes; um futuro de liberdade e de afirmação económica, de desenvolvimento integrado, de cultura e saber, de amizade e crescimento, sem sermos obrigados a partir à procura de outras terras e gentes, sempre a olhar para trás, sempre a olhar para nós e para os mais novos que têm de poder ficar, têm de fazer de Trás-os-Montes e Alto Douro um território de alegria, de paz e de gosto de viver.

António Modesto Navarro

Nuno Nozelos e Trás-os-Montes

Foi em Março de 2011 que colaborei numa homenagem prestada pela Câmara Municipal de Mirandela ao escritor Nuno Nozelos. Foi também nesse dia que o conheci pessoalmente.

Atendendo a que se tratava de um autor transmontano, natural de Fradizela (Mirandela), procurei ler o maior número de livros da sua autoria. Embora não me sinta com capacidade crítico-literária para falar da sua obra, mesmo assim deixarei aqui o meu parecer.

Começo por dizer que gostei muito, e porquê? Porque para além dos verdadeiros roteiros sentimentais são um alfofre de memórias.

Escritos excelentes onde o autor patenteia o seu peregrino entendimento, a sua sólida sabedoria, a sua elegância de exposição, a sua grande sensibilidade a tudo quanto o rodeou ao longo dos anos nestas suas e minhas paragens.

Maneira brilhante e terna de prestar homenagem a estes locais e sobremaneira à sua boa gente.

A leitura dos seus livros de contos transportam-me à minha infância. Pareceu-me estar a ver um filme onde os costumes ocupam lugar de destaque, senão vejamos a descrição do arraial da festa da aldeia, onde nada faltava, desde as doceiras que apresentavam grande variedade de doces caseiros, amêndoas, rebuçados, pequenas garrafas de anis e outros líquidos açucarados, e ainda mais motivos de diversão, além dos comes e bebes. Os trabalhos agrícolas, como a apanha da azeitona. As conversas no lavadouro público onde se expunha a vida do próximo, muitas vezes pela negativa. As conversas à lareira onde eram debatidos vários assuntos, com destaque para aqueles que diziam respeito à agricultura.

Nos seus originais relatos nem os cegos faltam, cantando de feira em feira as tragédias que iam sucedendo ao longo das semanas e vendendo os folhetos onde essas mesmas tragédias constavam. Os contos de Nuno Nozelos são o retrato fiel do viver e morrer dos habitantes das nossas aldeias, durante muitas décadas esquecidas no

tempo e marginalizadas pelos sucessivos governos.

Nuno Nozelos interpreta e, muito bem, o pulsar da vida do trabalhador rural do Nordeste transmontano. Os seus livros são também um valioso manancial de termos usados na nossa região dos quais, infelizmente, alguns já desapareceram da linguagem quotidiana.

Nuno Nozelos no seu livro *Retratos Nebulosos*, cuja acção se desenrola, na sua maior parte, na cidade de Lisboa e arredores, sempre atento aos problemas sociais, regista o viver miserável das classes mais desfavorecidas e assinala as atrocidades cometidas no património arquitetónico e artístico da cidade.

Mas infelizmente esse procedimento é extensivo a todo o país.

Aborda também as chagas deixadas pela guerra colonial, especialmente relacionadas com o foro psiquiátrico.

Fala-nos da perversidade e loucura, ausência de humanidade nos grandes centros, tudo isto bem patente no seu conto “A rosinha das Rosas”.

Não esquece a arte e a literatura, estabelecendo um paralelismo entre Portugal e outros países.

E por fim grandes elogios ao belo sexo, prova de bom gosto. No bem pensado romance *Soçobrado*, a partir do capítulo X volta novamente à Terra que o viu nascer e onde passou a sua infância.

Não há dúvida que os lugares onde foram passados os primeiros anos marcam para todo o sempre.

Depois de ler os seus trabalhos tirei a seguinte ilação:

Ande o autor por onde andar ele regressa sempre à sua terra.

A propósito vejamos o que diz Nuno Nozelos no prefácio do seu *Ecos do Nordeste*, a este respeito:

«A resposta é fácil de encontrar, no desabafo que um dia, me brotou da pena: Sou nordestino de alma e coração, não obstante o alfacinha que possa vislumbrar-se em mim. Arranquem a argamassa lisboeta que me reveste a fachada e logo verão emergir o granito singelo e tosco de que sou formado.»

Sinto-me muito feliz por ter conhecido Nuno Nozelos e ter tido a oportunidade de ler os seus belos escritos.

Novembro de 2017

Nuno Canavez

Índice

| | |
|--|----|
| Saudação ao Escritor Nuno Nozelos, <i>Celeste Alves Dias Nozelos</i> | 6 |
| In Memoriam de Nuno Nozelos, <i>Isabel Nozelos</i> | 7 |
| In Memoriam de Nuno Nozelos, <i>Maria José Dias Matias</i> | 9 |
| In Memoriam, <i>Júlia Rodrigues</i> | 11 |
| Nuno Nozelos, <i>A. M. Pires Cabral</i> | 12 |
| Nuno Nozelos – Dois apontamentos ‘in memoriam’, <i>Altino M. Cardoso</i> | 13 |
| Nuno Nozelos, um poeta de <i>Canto Aberto</i> , <i>Armando Palavras</i> | 18 |
| Evocação, <i>Cândido José de Campos</i> | 19 |
| Nuno Nozelos: In Memoriam, <i>Ernesto Rodrigues</i> | 20 |
| Nuno Nozelos, Escritor Egrégio, <i>Flávio Vara</i> | 24 |
| As palavras inteiras, <i>Henrique Madeira</i> | 27 |
| Poema póstumo para o poeta Nuno Nozelos, <i>Henrique Pedro</i> | 29 |
| Descanse em Paz, Nuno Nozelos, <i>Barroso da Fonte</i> | 31 |
| In Memoriam de Nuno Nozelos, <i>João de Deus Rodrigues</i> | 34 |
| Recordando Nuno Nozelos, <i>Jorge Sales Goliás</i> | 37 |
| Momentos e confidências, <i>Luís Guimarães</i> | 42 |
| Nuno Nozelos – Escritor da Fradizela para o mundo, <i>Manuel Maria Figueira</i> | 49 |
| Meu caro amigo Nuno Nozelos, <i>António Modesto Navarro</i> | 52 |
| Nuno Nozelos e Trás-os-Montes, <i>Nuno Canavez</i> | 54 |